

# Por dentro do Convento



Uma das expressões mais originais da Cultura Portuguesa.

"Misto de tradição e originalidade o Azulejo conta através da sua história a nossa História, a evolução da sociedade e da cultura, integrando elementos tão diversos como a sabedoria islâmica, o espírito renascentista, o exotismo das descobertas a inspiração da Europa do Norte ou o Fascínio do Oriente."

Jorge Couto, Presidente do Instituto Camões

A palavra AZULEJO designa uma placa cerâmica quadrada de barro cozido com uma das faces decoradas e vidradas. Esta palavra deriva do vocábulo persa "*al zulej*" que significa pequena pedra lisa e polida. Uma referência à pedra semipreciosa lápis - lazúli que esteve na origem do étimo azul.

Em Portugal a palavra *azulejo* ou *azuleijo* aparece pela primeira vez de forma escrita, nos primeiros anos do séc. XVI, nos forais manuelinos.

Deve-se ao rei D. Manuel I a introdução em larga escala do azulejo "hispano-mourisco" em Portugal. Gosto que terá adquirido provavelmente após a sua longa estadia em Toledo e Saragoça com a sua esposa D. Isabel de Aragão (filha dos reis católicos espanhóis). Por essa altura terá visitado igualmente a Andaluzia.

Anteriores a esse período, foram descobertos em 1939 os primeiros exemplares de azulejo no séc. XIII na abadia cisterciense de Sta Maria de Alcobaça. Mas este é considerado um caso isolado, excepcional. Mais recentemente, no início do séc. XX foram descobertos pavimentos alicatados numa capela do claustro da Sé de Lisboa datados do séc. XV.

No entanto, de forma geral considera-se a introdução do azulejo em meados do séc. XV, importado dos centros de fabricação hispano-mouriscos de Valencia, Sevilha e Marrocos.

Apesar de no Convento de Cristo não se encontrar muita diversidade de azulejos podemos datar a primeira encomenda para o Paço da Rainha D. Catarina (junto ao castelo templário) no séc. XVI.

Assim, em 1536 foram fornecidos por "Simão Rodrigues, oleiro de vidro, 1200 azulejos custando 3\$000 réis o milheiro. A segunda encomenda para o paço foi em 1539 a Manuel Cirne, de azulejos de malega - 4000 unidades por 8\$000 réis".

Seriam muito provavelmente azulejos de corda seca ou de aresta.



Em relação às técnicas azulejares vamos referir algumas que iremos ver replicadas no interior do monumento ou que tenham relevância para o seu enquadramento.

Na técnica de aplicação alicatada faz-se o recorte a turquês, um tipo de alicate similar à tenaz, de placas vidradas de barro, de cor lisa. Estas são recortadas, após a cozedura, em pequenas peças de diferentes formatos que depois se juntam como um puzzle ou mosaico. Criam um painel colorido com desenho geométrico que pode ser complexo: laçarias ou estrelas de laço. As cores são obtidas com óxidos variados.

Estas placas monocromas têm como desvantagem um ritmo lento de produção e colocação, exigindo a presença no local de artífices muito especializados, o que torna igualmente difícil a exportação.

Ao longo do séc. XVI a utilização do azulejo intensifica-se com encomendas sumptuárias para palácios e edifícios religiosos. Surgem igualmente novas técnicas de produção mais práticas e económicas, em termos de fabrico e colocação.

A técnica da "*corda seca*" consegue-se com o desenho feito a pincel embebido numa mistura de óleo de linhaça e manganês sobre o barro cru. Após a primeira cozedura este desenho "queima" deixando um contorno escuro a "*corda seca*" que na segunda cozedura irá impedir que as cores se misturem.

Na "*corda seca fendida*", pressiona-se um molde sobre o barro cru, pintando-se com a mesma mistura os sulcos e repetindo-se o restante processo (mantém o contorno característico escuro).

A técnica de decoração, "*corda seca*" marca o início da produção em série de azulejos, o que vai permitir a reprodução dos desenhos de composições alicatadas sem ser necessário

cortar o azulejo. Temas recorrentes: laçarias, formas geométricas e temas figurativos como animais, elementos vegetalista e ainda motivos heráldicos.

A técnica de "*aresta*" surge em Sevilha em meados do séc. XV e consiste numa impressão em profundidade sobre o barro cru com um molde de madeira, metal, gesso ou silicone (atualmente). Este molde deixa relevos salientes, "arestas", evitando que as cores dispostas isoladamente em cada sulco se misturem durante a cozedura.

Esta técnica de decoração representa uma maior liberdade no desenho que abandona progressivamente os traços retos que caracterizam grande parte dos motivos geométricos ou de laçaria utilizados nos alicatados e nos azulejos de "corda seca".

As técnicas de "aresta" e "corda seca" conviveram simultaneamente até ao início do séc. XVI, altura em que é abandonada definitivamente a "corda seca".

Com a técnica da "majólica" ou "faiança" faz-se a cobertura do azulejo com um esmalte branco (estanífero) aplicado após a primeira cozedura. Sobre a superfície cerâmica lisa, vidrada são pintados os motivos sem que as cores se misturem. Esta técnica de decoração foi introduzida em Sevilha pelo ceramista Francesco Niculoso (natural de Pisa) no início do séc. XVI.

Inicialmente esta técnica não teve grande aceitação, oferecendo uma temática figurativa e ornamental de feição renascentista muito diferente do gosto da época de preferência hispano-mourisca. Esta técnica só triunfará na 2ª metade do séc. XVI.

Vamos iniciar esta viagem ao azulejo do Convento de Cristo no Claustro do Cemitério. Antes de entrarem no monumento chamo a vossa atenção para o Jardim.

## Jardim Formal, Antiga Praça de Armas do Castelo



Antigamente o espaço entre a Porta do Sol e o Terreiro estava aproveitado com uma horta tendo num dos lados uma pocilga. Mais tarde, este espaço foi ajardinado e no muro sobranceiro à Almedina e "Porta do Sangue" foram feitos, no princípio do séc. XX, bancos revestidos a azulejo de padrão *massaroca*.

Bancos de azulejos e floreiras de *massaroca* de "pintinhas", com conjunto de frisos: pérolas com losangos, riscas amarelas e azuis e friso de folha de acanto. Policromia de tons de azul e amarelo sobre fundo branco.

A "rua central" foi igualmente ladeada de floreiras revestidas a azulejo. Estas, foram posteriormente retiradas pelos Monumentos Nacionais para alargarem a rua. Os azulejos do Jardim são do ceramista Leopoldo Battistini, que juntamente com outros artistas, revolucionou a pintura do azulejo em Portugal, tendo sido premiado a nível nacional e internacional.

Este ceramista adquiriu em 1921 a Fábrica de Cerâmica Constância, em Lisboa, a mais importante oficina de produção e pintura de azulejo em Portugal, cujas composições ainda hoje revestem importantes monumentos nacionais.

Assim, este artista esteve em Tomar, a pedido da Comissão de Turismo, para a qual executou igualmente as reproduções de faianças dos freires da Ordem de Cristo.

## Claustro do Cemitério



Os exemplos de azulejos mais antigos no Convento de Cristo encontram-se nos alegretes (floreiras) do Claustro do Cemitério.

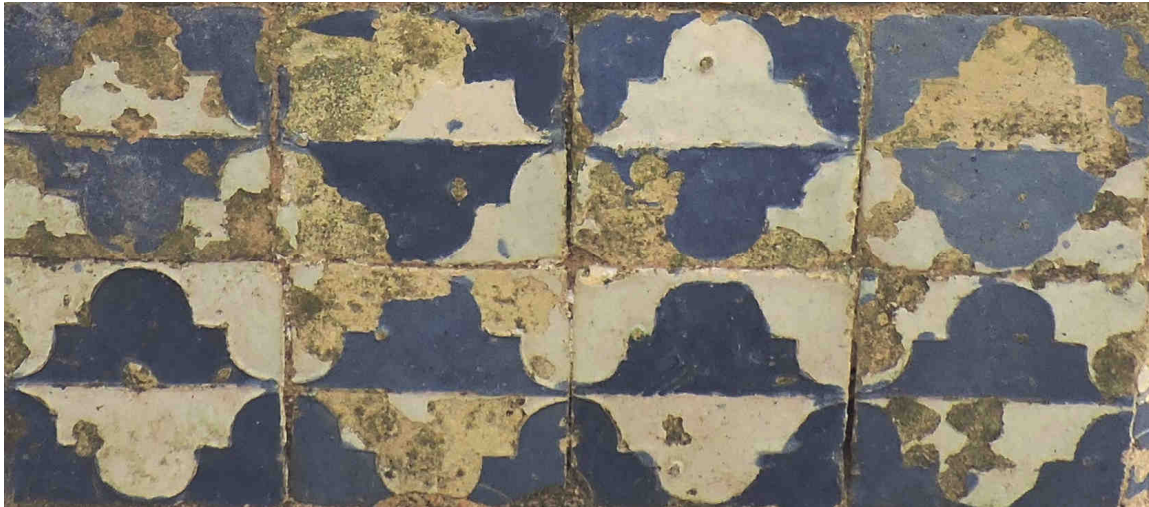


Os dois alegretes octogonais situados a nordeste e sudeste são revestidos por azulejos de aresta hispano-mouriscos, com esmaltes policromos a azul, preto, branco, amarelo e verde de desenho geométrico simétrico. Dimensões 12 azulejos 3x4 (por lado da floreira).

Os motivos mudéjares são inspirados nos alicatados sevilhanos dos séc. XIV e XV, formados por estrelas de oito pontas constituídas por polígonos imbricados (sobrepostos parcialmente).

Estes poderão ser os azulejos que foram encomendados para o Paço da Rainha D. Catarina a um "oleiro de vidro" em 1536.

Nas escavações efetuadas às ruínas do Paço de D. Catarina não foram encontrados vestígios azulejares, o que significa que se alguma vez lá foram colocados azulejos estes terão desaparecido completamente ou apesar de encomendados para o Paço terão sido colocados noutros espaços.



Matematicamente só há 7 composições (padrões) possíveis de frisos de duas cores. Estes acima classificam-se como friso m1 segundo o fluxograma de classificação de frisos por padrão.

Nos dois alegretes octogonais situados a noroeste e sudoeste encontramos azulejos mudéjares azul e branco de tipo raro que não se encontram referenciados a nível local ou nacional. Estes poderão ser os de "malega" (barro branco vidrado) encomendados a Simão Rodrigues para o Paço de D. Catarina em 1539.

Poderão igualmente ser os que Santos Simões<sup>1</sup> caracteriza como "azulejos de corda seca, sem dúvida sevilhanos, de esquema cromático muito simples, assemelhando-se a azulejos de desenho «pé de galo» do Paço de Sintra." Neste caso, serão parte dos 200 hispano Árabes (muitos dos quais partidos) da *Capela de S. Miguel*.

Esta capela que se situava na Horta d'El Rei nas cercanias da Igreja de Santa Maria do Olival, na cidade de Tomar, foi demolida e os azulejos arrancados e trazidos para o Convento de Cristo. "Estes azulejos forravam totalmente o interior, paredes e altar da *Capela de S. Miguel* em Tomar." Poderão ser alguns desses os que encontramos aqui nestes dois alegretes.

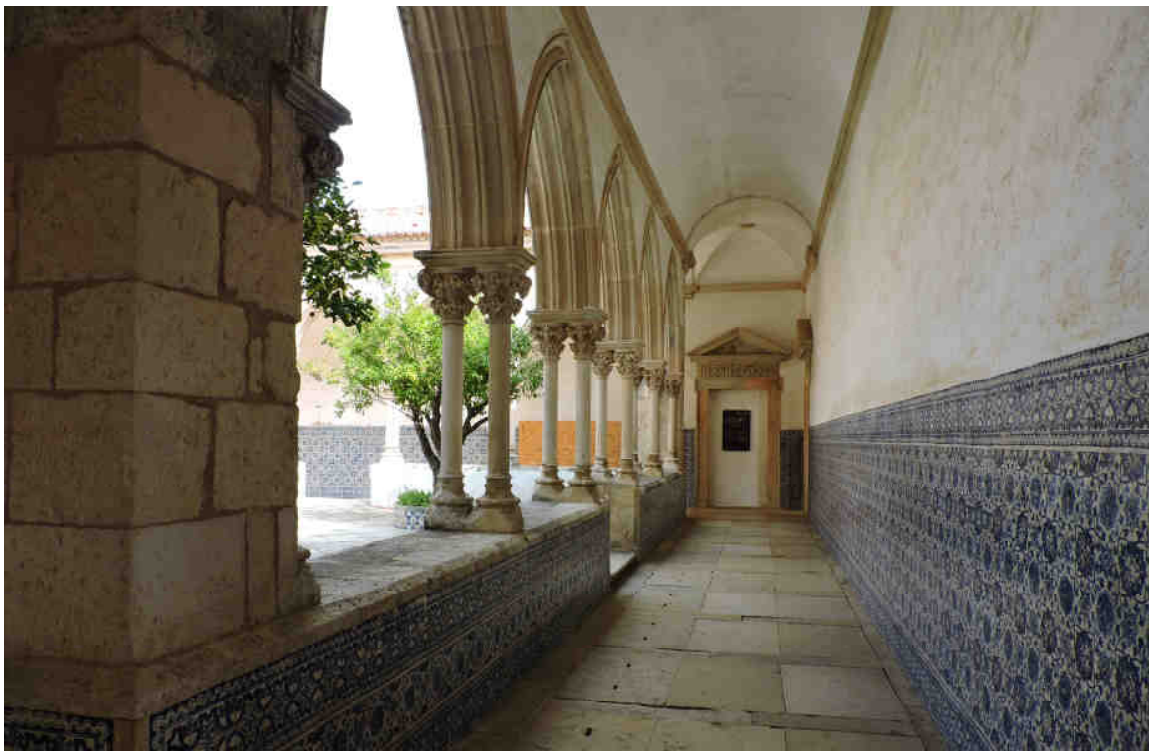
1 - João dos Santos Simões, historiador de Arte português, especialista na área do azulejo organizou, no Museu Nacional de Arte Antiga (Lisboa), uma secção que esteve na origem do Museu Nacional do Azulejo (Lisboa), museu que dirigiu até 1972. Engenheiro têxtil de formação, fixou-se em Tomar e trabalhou na administração da Fábrica de Fiação (em Tomar), foi superintendente do Convento de Cristo, diretor do Museu Luso-Hebraico, vogal da comissão Municipal de Turismo e da Comissão de Arte e Arqueologia, para além de "cidadão honorário de Tomar" em reconhecimento pelos relevantes serviços prestados à cidade.

Por outro lado, a partir de 1923, aquando da instalação do Museu da União que viria a dar origem ao UAMOC - União dos Amigos da Ordem de Cristo, nas ruínas da Casa do Capítulo Incompleta, o seu espólio foi trazido para o monumento. Este é constituído por um acervo arqueológico e arquitetónico que foi sendo recolhido, oferecido ou comprado um pouco por todo o concelho de Tomar e até de outras partes do país com o intuito de salvaguarda do património.

Foi assim que nos chegaram os painéis de azulejos da *Capela de Peralves Seco* (expostos numa sala fora do percurso de visita atual).

Podemos supor que, entre os azulejos que constituem a reserva azulejar do monumento, se possam encontrar igualmente os da demolida *Capela de S. Sebastião* (em 1905). Estes terão sido trocados por lajedo que foi necessário empregar na conclusão da obra do cano público em frente ao Quartel do Regimento Infantaria nº 15 em Tomar.

O alegrete central, o maior, é revestido com azulejos de tapete de padrão azul e branco, técnica de majólica, cópia dos do séc. XVII que cobriam antigamente as paredes do Claustro da Lavagem. O tapete de padrão obtém-se com a utilização de um grande número de azulejos em revestimento parietal, que pela multiplicação de determinados modelos, forma um padrão o qual ao ser rematado com frisos, barras ou cercaduras, cria a ilusão de um tapete.





Continuando o nosso percurso, o murete deste claustro é revestido por tapetes de azulejos azul e branco de 6 (azulejos) de altura.

A galeria é coberta por um silhar de 12 azulejos de altura de padrão de 2x2/1 azul, novo, com cercadura a condizer. São azulejos de padronagem monocroma (azul e branco), orientalizante de motivo *camélia*, denominação atribuída por Santos Simões.

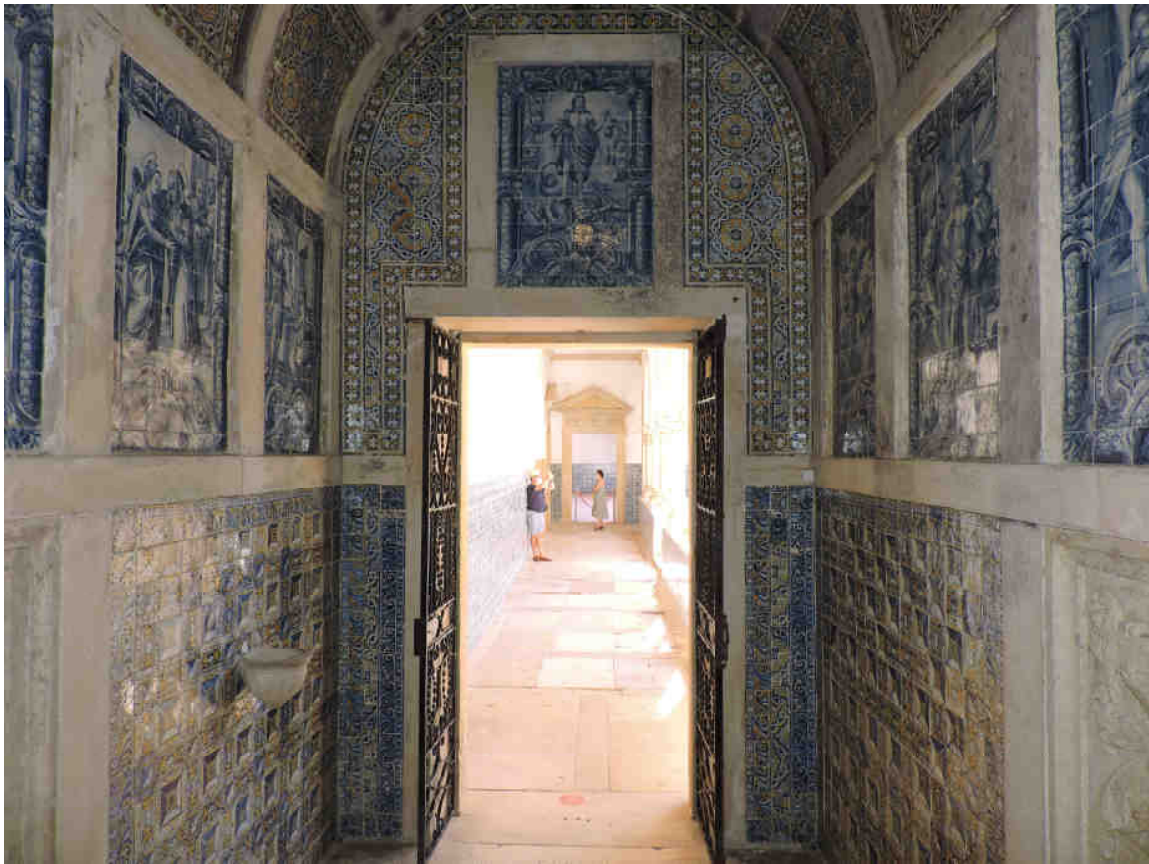
Esta flor terá chegado do Japão através dos jesuítas portugueses no séc. XVI, segundo atestam os azulejos de padrão camélia do Palácio Fronteira, em Lisboa. Alguns dos quais do último terço do séc. XVII, anteriores, portanto à versão corrente do Jesuíta morávio Kamel, (deu origem ao nome Camélia), que teria introduzido esta planta na Europa no séc. XVIII. No norte de Portugal onde estas plantas encontraram as condições ideais para se propagarem chamam-se sugestivamente, japoneiras.

No entanto, segundo outra teoria a origem iconográfica desta flor é na realidade a *peónia* cuja representação foi difundida na Europa pela porcelana chinesa do séc. XVI.

A sua integração como padrão em azulejaria, terá acontecido devido à confusão desta planta (peónia) com a *rosa* que quando colocada em espaços religiosos dedicados à virgem, simboliza pureza e virgindade.

Este claustro sofreu intervenções de restauro entre 1945 e 1960. Entre outros trabalhos procedeu-se ao assentamento de azulejos artísticos. Mais tarde, entre 1965 e 1970 fez-se novo assentamento de azulejos com argamassa nova.

## Capela dos Portocarreros



Esta capela está assinalada com a data de 1626.

Os caixotões (no teto) e arco do nicho são revestidos com padrões policromados de laçarias do Séc. XVII.

Na parte superior das paredes encontram-se onze painéis figurativos do séc. XVIII monocromos, azulejos 9x6 de figuração mariana (referente à virgem Maria): "A Ressureição de Cristo" (à entrada sobre a porta) e nas laterais cenas do Nascimento e Paixão de Cristo.

A parte inferior das paredes é revestida por um silhar (alissar ou alizar) de azulejos de "Ponta de Diamante" e cercadura "Dente de Lobo" da 1ª metade do séc. XVII.

O silhar é um revestimento parietal longitudinal que se desenvolve a partir do chão e tem entre 10 a 12 azulejos de altura.

Após a descoberta do caminho marítimo para a Índia, as gemas (joias), começaram a chegar em maiores quantidades à Europa através do eixo Goa-Lisboa, desta forma, passam a ser frequentes as representações de

pedras preciosas nas artes decorativas e na arquitetura. O padrão de diamante com o motivo central em pirâmide passa a ser amplamente adotado na azulejaria.

O uso alternado de pontas de diamante com os óvulos / ovos, os jogos de luz e sombra, do claro e do escuro conferem volumetria à composição (efeito 3D).

Esta capela sofreu intervenções de restauro entre 1945/1960 quando se realizaram reparações nas fachadas Oeste e Sul e se procedeu à colocação de azulejo decorativo no frontal do altar, igual ao existente.

## Claustro da Lavagem



Atualmente este claustro está fora do percurso da visita. No entanto, é possível visualizá-lo a partir do Claustro do Cemitério.

No início do séc. XX este claustro encontrava-se em ruínas. O piso superior tinha abatido, conservando-se de pé a arcada inferior. Em 1906 foi desentulhado de escombros e a cantaria foi arrumada em volta do claustro no rés-do-chão.

Os azulejos que revestiam as paredes foram sendo retirados para remendos no interior do convento e outros furtados por particulares para os aplicarem nas suas habitações. Alguns, terão sido arrancados e levados para o antigo Palácio (Casa Nobre) dos Barões de Alvaíazere, em Tomar quando lá se instalou o Quartel-general da 3ª Região Militar. Entretanto, este palácio sofreu um incêndio em 1975 e os azulejos se lá estiveram desapareceram.

Este claustro manteve-se assim até aos anos 30 do séc. XX quando a Direção Geral dos Monumentos Nacionais começou a reparação e consolidação dos Monumentos Nacionais. Aqui no Convento de Cristo, entre outras obras fez a reedificação do segundo piso do Claustro da Lavagem.

Os Azulejos que se encontram hoje neste claustro são cópias encomendadas à *Fábrica Viúva Lamego* na 1ª metade do Séc. XX (1930-40), segundo esquemas decorativos do início séc. XVII. Já vimos outros iguais no Alegrete central do Claustro do Cemitério.

O padrão [P-364](#), classificação atribuída por Santos Simões para referenciar os diferentes tipos de padrões (P) cercaduras (C) frisos (F) e barras (B), é relativamente tardio, cerca de 1670 e pouco frequente. O debuxo (desenho) em que o centro é formado por um octógono, de fundo azul, do qual irradiam flores. Azulejo azul e branco, cerca de 1200 no total.

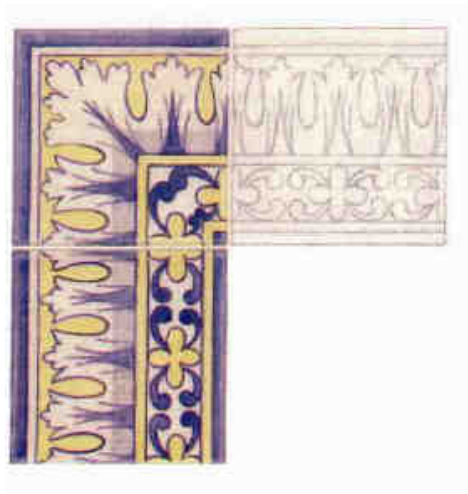
Nas intervenções de restauro, entre 1945 e 1960, reconstruiu-se o segundo piso do claustro, substituiu-se o pavimento em tijoleira, rebocaram-se as paredes do 1º piso e fez-se o assentamento de silhares de azulejos no 2º piso. Entre 1965/1970 fez-se novo assentamento de azulejos com argamassas novas.



## Corredor de ligação – Charola / Claustro do Cemitério



Revestimento parietal do corredor em tapete de padrão de laçarias policromático (azul, amarelo e branco) do séc. XVII de motivo fitomórfico ou seja vegetalista [P-31](#) com [C-12](#) e [F-10](#).



## Corredor dos Confessionários e sala de passagem.



Composição de azulejos de caixilho enxaquetada, agrupamento de azulejos a formar uma malha geométrica em xadrez utilizando elementos alternados de cores diferentes, azul sobre fundo branco de módulo simples [P-71](#) de finais do séc. XVII.

O Professor Carlos Veloso no seu trabalho "Azulejos de Tomar e arredores do séc. XVI ao séc. XVIII", levanta a hipótese de poderem ser estes os azulejos de Malega (os tais da encomenda a Simão Rodrigues para o Paço de D. Catarina em 1539), visto ser difícil datá-los cronologicamente devido à ampla utilização deste tipo de composições desde o início do séc. XVI até meados do séc. XVII.



Este tipo de composição repete-se no murete e galeria do Claustro da Hospedaria (claustro da Janela do Capítulo).

Este corredor sofreu intervenções de restauro entre 1961 e 1965 o que incluiu, entre outros trabalhos, o assentamento de silhares de azulejos.

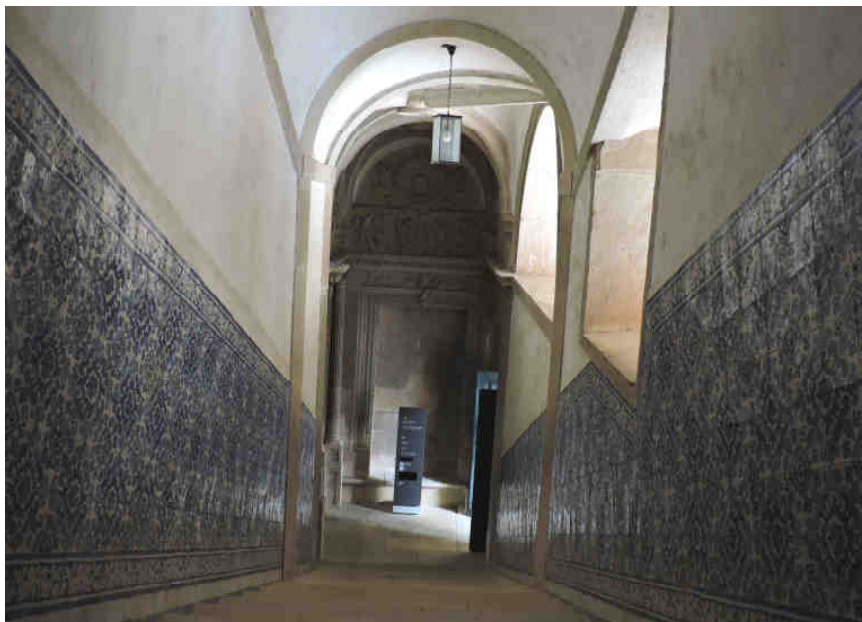
## Lavatório – Sacristia



Revestimento de azulejos de padronagem policroma (azul, branco e amarelo) "*Ponta de Diamante*" da primeira metade do séc. XVII, semelhantes aos da Capela dos Portocarreiros, com cercadura policroma "*Dente de Lobo*".

Lavatório, datado de 1625.

## Escadaria que liga o Corredor do Dormitório ao Refeitório



Silhar de azulejos da primeira metade do séc. XVII de padronagem monocroma (azul e branco) com motivo fitomórfico.

**A nossa visita termina aqui, esperamos em breve poder alargar o percurso de visita e consequentemente o número de espaços visitáveis. Entretanto, iremos atualizando a informação disponível.**